

A ASSOMBRAÇÃO
DA CASA DA COLINA

**SHIRLEY
JACKSON**

Tradução
Débora Landsberg



SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9

Nenhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade sob condições de realidade absoluta; até cotovias e gafanhotos, supõem alguns, sonham. A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes, aprisionando as trevas em seu interior; estava desse jeito havia oitenta anos e talvez continuasse por mais oitenta. Lá dentro, paredes continuavam de pé, tijolos se juntavam com perfeição, assoalhos estavam firmes e portas estavam sensatamente fechadas; o silêncio se escorava com equilíbrio na madeira e nas pedras da Casa da Colina, e o que entrasse ali, entrava sozinho.

O dr. John Montague era doutor em filosofia; havia se formado em antropologia, com a estranha sensação de que nessa área talvez se aproximasse mais de sua verdadeira vocação, a análise de manifestações sobrenaturais. Era cuidadoso quanto ao uso de seu título porque, com suas pesquisas sendo tão completamente não científicas, esperava emprestar-lhes um ar de respeitabilidade, até mesmo de autoridade acadêmica, com sua formação. Havia lhe sido bastante custoso, em termos de dinheiro e orgulho, já que não era um pedinte, alugar a Casa da Colina por três meses, mas esperava ser totalmente recompensado pelo esforço através da sensação que se seguiria à publicação de sua obra definitiva sobre as causas e conseqüências de transtornos psíquicos em uma casa conhecida como “assombrada”. Vinha procurando uma casa de fato assombrada a vida inteira. Ao ficar sabendo da Casa da Colina, a princípio ficou desconfiado, depois esperançoso, depois incansável; não seria de seu feitio abandonar a Casa da Colina após encontrá-la.

As intenções do dr. Montague em relação à Casa da Colina se originavam nos métodos dos corajosos caça-fantasmas do século XIX; ele iria morar na Casa da Colina e ver o que acontecia ali. Sua intenção era, primeiro, seguir o exemplo da senhora anônima que foi se hospedar na Mansão Ballechin e deu uma festa para céticos e crédulos que durou todo o verão, com jogo de croqué e observação de fantasmas como as atrações principais, mas hoje em dia é mais difícil achar céticos, crédulos e bons jogadores de croqué; o dr. Montague foi obrigado a contratar assistentes. Talvez o estilo vagaroso da vida vitoriana se prestasse mais aos artifícios da investigação mediúnica, ou talvez o registro meticuloso de fenômenos como meio de determinar sua veracidade tenha em grande medida se extinguido; de qualquer modo, o dr. Montague precisou não só empregar assistentes como procurá-los.

Como se considerava cuidadoso e íntegro, passou um bom tempo procurando assistentes. Esquadrinhou os registros das sociedades mediúnicas, os arquivos de jornais sensacionalistas, os relatórios de parapsicólogos, e juntou uma lista de pessoas que tinham, de uma forma ou de outra, em um momento ou outro, por mais breve ou dúbio que tivesse sido, participado de acontecimentos anormais. De sua lista eliminou primeiro os nomes de quem estava morto. Depois de riscar os nomes daqueles que lhe pareciam buscar publicidade, de inteligência abaixo do normal ou inadequados devido à clara tendência a assumir o centro das atenções, ficou com uma lista de cerca de uma dezena de nomes. Cada um deles, então, recebeu uma carta do dr. Montague os convidando para passarem todo ou parte do verão em uma confortável casa de campo, antiga, porém

perfeitamente dotada de tubulação, eletricidade, aquecimento central e colchões limpos. O objetivo da estadia, as cartas declaravam sem rodeios, era observar e explorar as várias histórias desagradáveis que circulavam sobre a casa durante boa parte dos oitenta anos de sua existência. As cartas do dr. Montague não diziam com clareza que a Casa da Colina era assombrada, já que o dr. Montague era um homem da ciência e, até que testemunhasse de fato uma manifestação paranormal na Casa da Colina, não confiaria tanto assim na própria sorte. Dessa forma, suas cartas tinham certa dignidade ambígua, calculada para captar a imaginação de um tipo de leitor muito especial. Para suas cartas, o dr. Montague recebeu quatro respostas, enquanto os outros cerca de oito candidatos supostamente haviam se mudado sem deixar um endereço para o qual remeter a correspondência, ou provavelmente haviam perdido o interesse pelo sobrenatural, ou até, talvez, jamais tivessem existido. Aos quatro que responderam, o dr. Montague escreveu de novo, definindo uma data específica em que a casa seria oficialmente considerada pronta para ser ocupada, e anexando instruções detalhadas para chegarem nela, visto que, conforme era obrigado a explicar, era muito difícil descobrir informações sobre como achar a casa, sobretudo na comunidade rural que a rodeava. No dia anterior à sua partida rumo à Casa da Colina, o dr. Montague foi convencido a incluir dentre suas companhias seletas um representante da família dona da casa, e um telegrama chegou de um de seus candidatos, recuando com uma desculpa nitidamente inventada. Um outro nunca apareceu nem escreveu, talvez devido à interferência de algum problema pessoal urgente. Os outros dois apareceram.

2

Eleanor Vance tinha trinta e dois anos quando foi à Casa da Colina. A única pessoa do mundo que odiava de verdade, agora que a mãe havia falecido, era a irmã. Desgostava do cunhado e da sobrinha de cinco anos e não tinha amigos. Isso se devia em grande parte aos onze anos que passara cuidando da mãe inválida, que a deixara com certa competência como enfermeira e a incapacidade de encarar o sol forte sem piscar. Não conseguia se lembrar de nenhum momento de felicidade genuína em sua vida adulta; os anos com a mãe haviam sido erigidos com zelo em torno de pequenas culpas e pequenas repreensões, cansaço constante e desespero interminável. Sem nunca querer se tornar reservada ou tímida, havia passado tanto tempo sozinha, sem ninguém para amar, que era complicado para ela falar, até mesmo

casualmente, com outra pessoa sem acanhamento e uma incapacidade desastrada de achar palavras. Seu nome havia aparecido na lista do dr. Montague porque um dia, quando ela tinha doze anos e a irmã dezoito, e não fazia nem um mês que o pai delas havia morrido, cascatas de pedras caíram na casa delas, sem nenhum aviso prévio ou sinal de propósito ou razão, caindo dos tetos, rolando sonoramente paredes abaixo, quebrando janelas e criando um batuque enlouquecedor no telhado. As pedras continuaram de modo intermitente por três dias, durante os quais Eleanor e a irmã se irritaram menos com as pedras do que com os vizinhos e turistas que se reuniam todos os dias diante da porta da frente, e da insistência cega, histérica da mãe de que tudo aquilo se devia às pessoas maliciosas e maledicentes do quarteirão que guardavam rancor dela desde que fora para lá. Depois de três dias, Eleanor e a irmã foram levadas para a casa de uma amiga, e as pedras pararam de cair e nunca voltaram, embora Eleanor e a irmã e a mãe tivessem voltado a morar na casa, e a rixa com a vizinhança inteira nunca tivesse terminado. A história foi esquecida por todo mundo exceto as pessoas que o dr. Montague havia consultado; sem sombra de dúvida foi esquecida por Eleanor e a irmã, cada uma tendo imaginado na época que a outra era a responsável.

Por todo o lado oculto de sua vida, desde que se entendia por gente, Eleanor vinha esperando por algo como a Casa da Colina. Cuidando da mãe, carregando uma senhora irritada da cadeira para a cama, arrumando bandejinhas de sopa e mingau de aveia, reunindo coragem para enfrentar a roupa imunda, Eleanor se agarrara à crença de que um dia algo aconteceria. Aceitara o convite para a Casa da Colina por meio de carta ao remetente em envelope selado, apesar de o cunhado ter insistido em ligar para umas pessoas e verificar se o tal do doutor não estava querendo apresentar Eleanor a ritos selvagens não desconectados de assuntos que a irmã de Eleanor julgava impróprios que uma moça solteira conhecesse. Talvez, a irmã de Eleanor sussurrou na privacidade do quarto conjugal, talvez o dr. Montague... se é que este *era* realmente o nome dele, afinal de contas... talvez esse tal de dr. Montague *usasse* as mulheres para alguns... bom... *experimentos*. Você sabe do que eu estou falando... *experimentos*, como eles fazem. A irmã de Eleanor se apoiava fartamente nos *experimentos* que ouvira dizer que tais doutores faziam. Eleanor não tinha essas ideias, ou, tendo-as, não sentia medo. Eleanor, em suma, teria ido para qualquer lugar.

Theodora — esse era o máximo de nome que usava; assinava seus desenhos como “Theo” e na porta de seu apartamento e na vitrine de sua loja e na lista telefônica e no material de escritório pálido e no pé de uma adorável

fotografia sua que ficava no consolo da lareira, o nome era sempre apenas Theodora — não era nada parecida com Eleanor. O dever e a consciência eram, para Theodora, atributos mais adequados às escoteiras. O mundo de Theodora era de deleite e de cores suaves; tinha aparecido na lista do dr. Montague porque — entrando aos risos no laboratório, trazendo junto uma onda de perfume floral — ela havia conseguido de alguma forma, satisfeita e empolgada com sua destreza incrível, identificar dezoito entre vinte cartas, quinze cartas entre vinte, dezenove cartas entre vinte, seguradas por uma assistente longe de seus olhos e ouvidos. O nome de Theodora brilhava nos registros do laboratório, então era inevitável que chamasse a atenção do dr. Montague. Theodora se divertira com a primeira correspondência do dr. Montague e a respondera por curiosidade (talvez a sabedoria acesa em Theodora, que lhe dizia os nomes dos símbolos em cartas longe de seus olhos, a instava a tomar o rumo da Casa da Colina), mas tinha a total intenção de recusar o convite. No entanto — talvez a empolgação, a urgência outra vez —, quando a carta de confirmação do dr. Montague chegou, Theodora ficou tentada e sabe-se lá como mergulhou às cegas, descontroladamente, em uma briga violenta com a amiga com quem dividia o apartamento. Ambas disseram coisas que só o tempo poderia apagar; Theodora havia quebrado proposital e cruelmente a linda estatueta dela que a amiga esculpira, e a amiga cometera a brutalidade de rasgar em pedacinhos o volume de Alfred de Musset que Theodora lhe dera de presente de aniversário, se empenhando sobretudo na folha que portava a dedicatória amorosa, provocadora, de Theodora. Claro que esses atos eram inesquecíveis e, antes que pudessem rir deles juntas, o tempo teria de passar; Theodora havia escrito naquela noite, aceitando o convite do dr. Montague, e partido num silêncio frio no dia seguinte.

Luke Sanderson era um mentiroso. Também era ladrão. Sua tia, a dona da Casa da Colina, gostava de ressaltar que o sobrinho teve a melhor educação, as melhores roupas, o melhor gosto e as piores companhias que já tinha visto; ela teria aceitado de pronto a primeira oportunidade de isolá-lo num lugar seguro por algumas semanas. O advogado da família foi persuadido a convencer o dr. Montague de que a casa não poderia de jeito nenhum lhe ser alugada com os objetivos que tinha sem a presença restritiva de um membro da família, e talvez no primeiro encontro o doutor tivesse percebido em Luke uma espécie de força, ou instinto felino de autopreservação, que o deixou tão ansioso quanto a sra. Sanderson para que Luke ficasse com ele na casa. Em todo caso, Luke estava entretido, a tia grata e o dr. Montague mais do que

satisfeito. A sra. Sanderson disse ao advogado da família que de qualquer modo não havia nada na casa que Luke pudesse roubar. A velha prataria que estava lá tinha certo valor, contou ao advogado, mas representava uma dificuldade quase insuperável para Luke: era preciso energia para furtá-la e transformá-la em dinheiro. A sra. Sanderson cometeu uma injustiça contra Luke. Era bem pouco provável que o sobrinho fugisse com a prataria da família, ou o relógio do dr. Montague, ou o bracelete de Theodora; sua desonestidade de modo geral se restringia a pegar trocados da carteira da tia e trapacear nos jogos de cartas. Também era propenso a vender relógios e cigarreiras que lhe eram dados, com carinho e com belos rubores, pelas amigas da tia. Um dia Luke herdaria a Casa da Colina, mas jamais tinha imaginado que moraria lá.

3

“Só acho que ela não devia pegar o carro, só isso”, o cunhado de Eleanor declarou com teimosia.

“O carro é metade meu”, retrucou Eleanor. “Eu ajudei a pagar.”

“Só acho que ela não devia pegar, só isso”, o cunhado repetiu. Ele apelou à esposa. “Não é justo que só ela use o carro o verão inteiro e a gente fique sem.”

“A Carrie dirige o tempo todo e eu nunca nem tirei ele da garagem”, disse Eleanor. “Além disso, você vai passar o verão inteiro nas montanhas, e não vai usar o carro lá. Carrie, você sabe que não vai usar o carro nas montanhas.”

“Mas imagine se a coitada da Linnie fica doente ou sei lá o quê? E a gente precisa de um carro para levar a criança ao médico?”

“O carro é metade meu”, Eleanor afirmou. “Pretendo levá-lo.”

“Imagine se até a Carrie passa mal? Imagine se a gente não consegue um médico e precisar ir para o hospital?”

“Eu quero o carro. Eu vou usar o carro.”

“Acho que não vai dar.” Carrie falava devagar, ponderava. “A gente não sabe para onde você vai, não é? Você não achou uma boa ideia nos falar muito sobre tudo isso, não é? Acho que não me sinto à vontade de te deixar pegar meu carro emprestado.”

“O carro é metade meu.”

“Não”, decretou Carrie. “Você não pode.”

“Isso mesmo.” O cunhado de Eleanor assentiu. “A gente precisa dele, como a Carrie já falou.”

Carrie deu um leve sorriso. “Eu jamais iria me perdoar, Eleanor, se te emprestasse o carro e algo acontecesse. Como é que a gente vai saber se dá para confiar nesse tal de doutor? Você ainda é jovem, afinal, e o carro vale uma boa grana.”

“Veja bem, Carrie, eu *liguei* para o Homer no fisco e ele disse que o sujeito está em dia com uma faculdade qualquer...”

Carrie disse, ainda sorridente: “Claro, temos todas as razões para imaginar que seja um homem decente. Mas a Eleanor escolheu não nos falar aonde está indo, ou como entrar em contato se quisermos pegar o carro de volta; poderia acontecer alguma coisa e nós jamais ficaríamos sabendo. Por mais que a Eleanor”, ela prosseguiu com delicadeza, se dirigindo à xícara de chá, “por mais que *a Eleanor* esteja disposta a fugir até os confins do mundo a convite de um homem qualquer, *ainda* assim não existe razão para ela ter direito para levar meu carro com ela.”

“O carro é metade meu.”

“Imagine se a coitada da Linnie fica doente, lá no alto da montanha, sem ninguém por perto? Sem médico?”

“Em todo caso, Eleanor, tenho certeza de que estou fazendo o que a mamãe acharia melhor. A mamãe confiava em mim e não tenho dúvida de que jamais aprovaria que eu te deixasse à solta, indo sabe-se lá aonde, com o meu carro.”

“Ou imagine se até *eu* fico doente, lá no alto...”

“Tenho certeza de que a mamãe estaria de acordo comigo, Eleanor.”

“Além do mais”, declarou o cunhado de Eleanor, a quem de repente ocorreu uma ideia, “como é que a gente vai saber se ela vai trazer o carro de volta em boas condições?”

Para tudo tem de haver uma primeira vez, Eleanor disse a si mesma. Desceu do táxi, de manhã bem cedinho, tremendo porque talvez a esta altura a irmã e o cunhado estivessem agitados pelas primeiras e leves pontadas de desconfiança; ela tirou a mala do táxi rapidamente enquanto o motorista pegava a caixa de papelão acomodada no banco da frente. Eleanor lhe deu uma ótima gorjeta, se perguntando se a irmã e o cunhado estariam no seu encalço, talvez virando a esquina naquele exato momento e dizendo um ao outro: “Ali ela, bem como a gente imaginou, a ladra, ali ela”; ela se virou às pressas para entrar no enorme estacionamento metropolitano em que o carro deles era guardado, lançando olhares nervosos para o fim da rua. Esbarrou numa senhorinha bem pequena, fazendo pacotes caírem por todos os lados, e viu consternada um saco tombar e rasgar na calçada, derramando uma fatia quebrada de cheesecake, tomate picado e um pãozinho doce. “Que droga que

droga!", a senhorinha berrou, quase encostando o rosto no de Eleanor. "Eu ia levar pra casa, que droga que droga!"

"Mil desculpas", disse Eleanor; ela se abaixou, mas parecia impossível catar os fragmentos de tomate e de cheesecake e arranjar uma forma de enfiá-los no saco rasgado. A senhora olhava para baixo de cara amarrada e recolhia seus outros pacotes antes que Eleanor pudesse alcançá-los, e por fim Eleanor se levantou, sorrindo num pedido convulsivo de desculpas. "Eu realmente lhe peço mil desculpas", declarou.

"Que droga", a senhorinha repetiu, mas em tom mais baixo. "Eu ia levar para casa para ser meu lanche da manhã. E agora, graças a *você*..."

"E se eu pagasse?" Eleanor pegou a carteira e a senhorinha ficou impassível e ponderou.

"Não posso aceitar dinheiro assim do nada", ela disse por fim. "Não comprei essas coisas, entende. São sobras." Ela estalou os lábios com raiva. "Você tinha que ter visto o presunto que eles tinham", ela disse, "mas foi *outra* pessoa que ficou com *ele*. E o bolo de chocolate. E a salada de batata. E as balinhas nos pratinhos de papelão. Cheguei tarde demais para *tudo*. E agora..." Ela e Eleanor olharam para a bagunça na calçada e a senhorinha disse, "Você entende, então, por que eu não posso aceitar dinheiro, não dinheiro da sua mão, não por uma coisa que era sobra".

"Posso comprar alguma coisa para repor isso, então? Estou com muita pressa, mas se a gente encontrasse um lugar aberto..."

A senhorinha deu um sorriso maldoso. "De qualquer forma, ainda tenho *isto aqui*", afirmou, apertando um pacote com força. "Você poderia pagar meu táxi para casa", ela pediu. "Assim vai ser pouco provável que *mais* alguém me derrube."

"Com prazer", Eleanor disse e se virou para o taxista, que estava à espera, interessado. "O senhor poderia levar essa senhora para casa?", ela indagou.

"Alguns dólares bastam", disse a senhorinha, "sem contar com a gorjeta do cavalheiro, é claro. Pequeninha como *eu* sou", ela explicou com delicadeza, "é um baita perigo, um baita perigo mesmo, alguém me derrubar. Ainda assim, foi um prazer enorme encontrar uma pessoa tão disposta quanto você a me compensar pelo ocorrido. Às vezes as pessoas que nos derrubam nem olham para trás." Com o auxílio de Eleanor ela entrou no táxi com os pacotes e Eleanor pegou dois dólares e cinquenta centavos da carteira e os entregou à senhorinha, que os segurou com força com sua mãozinha.

"Pois bem, querida", o taxista disse, "para onde?"

A senhorinha deu uma risadinha. "Digo depois que o senhor der a partida", ela declarou, e então, para Eleanor, "Boa sorte para você, queridinha. Daqui

pra frente, fique de olho aberto para não sair derrubando as pessoas.”

“Adeus”, disse Eleanor, “e peço mil desculpas mesmo.”

“Não se preocupe”, disse a senhorinha, acenando enquanto o táxi se afastava do meio-fio. “Vou orar por você, queridinha.”

Bom, pensou Eleanor, fitando o táxi, uma pessoa, pelo menos, vai orar por mim. Ao menos uma pessoa.

4

Foi o primeiro dia realmente ensolarado do verão, uma época do ano que sempre suscitava em Eleanor lembranças saudosas de sua primeira infância, quando parecia ser sempre verão; não conseguia se lembrar do inverno antes da morte do pai em um dia frio e úmido. Ultimamente adquirira o hábito de devanear, durante esses anos contados às pressas, sobre o que foi feito de todos aqueles dias de verão desperdiçados; como os passara de maneira tão imprudente? Sou uma boba, dizia a si mesma no início de cada verão, sou uma bocó; já sou adulta e sei o valor das coisas. Nada é de fato desperdiçado, sua sensatez a levava a crer, nem mesmo a infância de alguém, e então a cada ano, numa manhã de verão, o vento quente descia a rua por onde andava e ela era tocada pela ideiazinha fria: deixei mais tempo passar. Porém, nesta manhã, dirigindo o carrinho de que ela e a irmã eram donas, apreensiva com a possibilidade de que ainda se dessem conta de que ela por fim simplesmente o levara embora, seguindo docilmente pelas ruas, acompanhando o sentido do tráfego, parando quando necessário e dobrando a esquina quando possível, ela sorriu para o sol que caía sobre a rua e pensou, estou indo, estou indo, eu finalmente dei um passo.

Antes, sempre que conseguia a permissão da irmã para dirigir o pequeno carro, ia com cautela, se movimentando com um cuidado extremo a fim de evitar o mínimo arranhão ou estrago que pudesse irritar a irmã, mas hoje, com a caixa de papelão no banco de trás e a mala no chão, as luvas e a bolsa e o casaquinho no assento ao lado, o carro era todo dela, um mundinho fechado todo seu; estou indo mesmo, ela pensou.

No último sinal de trânsito, antes de entrar na grande rodovia para sair da cidade, ela parou, à espera, e tirou a carta do dr. Montague da bolsa. Nem vou precisar de mapa, ela pensou; ele deve ser um homem muito cuidadoso. “... Rota 39 em direção a Ashton”, dizia a carta, “e depois vire à esquerda, pegando a Rota 5 rumo ao oeste. Siga esse caminho por um pouco menos de cinquenta quilômetros e você vai dar com o vilarejo de Hillsdale. Atravesse

Hillsdale até a esquina com um posto de gasolina à esquerda e uma igreja à direita, aqui vire à esquerda, entrando no que parece ser uma estrada de terra estreita; você vai subir rumo às colinas e a estrada é muito precária. Siga essa estrada até o fim — são cerca de dez quilômetros — e você chegará aos portões da Casa da Colina. Estou detalhando bem o caminho pois não é recomendável parar em Hillsdale e pedir informações. As pessoas de lá são grossas com estranhos e não disfarçam sua hostilidade para com qualquer pessoa que pergunte pela Casa da Colina.

“Fico muito feliz por você vir ao nosso encontro na Casa da Colina, e será um grande prazer conhecê-la pessoalmente na quinta-feira, dia 21 de junho...”

O sinal mudou; ela pegou a estrada e estava livre da cidade. Ninguém, ela pensou, vai me pegar agora; eles nem sabem para que lado estou indo.

Nunca tinha ido tão longe dirigindo. A ideia de dividir a adorável viagem em quilômetros e horas era uma tolice; ela a via, conduzindo o carro com precisão entre a margem da estrada e a fileira de árvores ao lado da estrada, como uma passagem de momentos, todos eles novos, levando-a com eles, guiando-a por um caminho de incrível ineditismo a um lugar novo. A jornada em si era seu ato positivo, seu destino vago, impensado, quiçá inexistente. Queria saborear cada curva de sua viagem, amando a estrada e as árvores e as casas e as cidadezinhas feias, zombando de si com a ideia de que poderia lhe dar na veneta parar em qualquer lugar e nunca mais ir embora. Poderia estacionar o carro à beira da estrada — embora fosse proibido, disse a si mesma; seria punida caso realmente estacionasse — e deixá-lo para trás enquanto vagava junto às árvores rumo à mata suave, acolhedora mais à frente. Poderia vagar até ficar exausta, caçando borboletas ou seguindo um riacho, e depois ao cair da noite se deparar com o casebre de um lenhador pobre que lhe ofereceria abrigo; poderia viver para sempre em East Barrington ou Desmond ou no vilarejo incorporado de Berk; poderia nunca ir embora da estrada, e apenas acelerar mais e mais até as rodas do carro se reduzirem a nada e ela chegar ao fim do mundo.

E, ela refletiu, posso simplesmente ir para a Casa da Colina, onde me esperam e onde me darão casa e comida e um salário simbólico em troca da renúncia aos meus compromissos e relações na cidade e da minha fuga para ver o mundo. Fico me perguntando como será o dr. Montague. Fico me perguntando como será a Casa da Colina. Me pergunto quem mais estará lá.

Agora já estava bem distante da cidade, atenta à entrada da Rota 39, aquele fio mágico de rodovia que o dr. Montague escolhera para ela, dentre todas as rodovias do mundo, para levá-la em segurança até ele e a Casa da Colina; nenhuma outra estrada poderia levá-la de onde estava para onde ela queria

estar. O dr. Montague era certo, tornava-se infalível; sob a placa que indicava o caminho para a Rota 39 havia outra placa dizendo: ASHTON, 195 KM.

A estrada, agora sua amiga íntima, volteava e descia, fazendo curvas onde surpresas aguardavam — uma vez foi uma vaca, olhando-a por cima da cerca, outra vez foi um cachorro indiferente — entrando em vales onde ficavam cidadezinhas, passando por campos e pomares. Na rua principal de um vilarejo, ela passou por uma casa enorme, com pilares e muros, com venezianas nas janelas e um par de leões de pedra guardando os degraus, e ela pensou que talvez pudesse morar lá, espanando os leões todas as manhãs e afagando suas cabeças para lhes dar boa-noite. O tempo está começando nesta manhã de junho, disse a si mesma, mas trata-se de um tempo estranhamente novo e específico; nesses poucos segundos vivi uma vida inteira em uma casa com dois leões na entrada. Todas as manhãs eu varria a varanda e espanava os leões, e todas as noites eu afagava suas cabeças para lhes dar boa-noite, e uma vez por semana lavava seus rostos e juba e patas com água quente e bicarbonato de sódio e limpava entre seus dentes com um cotonete. Dentro da casa os ambientes tinham pé-direito alto e eram limpos, com assoalhos reluzentes e janelas lustradas. Uma senhorinha graciosa cuidava de mim, andando engomada com um aparelho de chá de prata em cima de uma bandeja e me trazendo uma taça de vinho de sabugueiro todas as noites em prol da minha saúde. Eu jantava sozinha em uma sala de jantar comprida, silenciosa, a uma mesa reluzente, e entre as janelas altas o revestimento branco das paredes refletia a luz da vela; comi uma ave, rabanete do pomar e geleia de ameixa feita em casa. Quando dormi, foi sob um dossel de organdi branco, e uma luz noturna me guardava da entrada. As pessoas me reverenciavam nas ruas da cidade porque todas se orgulhavam muito de meus leões. Quando faleci...

Ela já estava bem longe da cidade a esta altura, e passava ao lado de placas quebradas e bancas sujas e fechadas que vendiam almoço. Uma feira havia acontecido ali por perto uma vez, muito tempo atrás, com corridas de motocicleta; as placas ainda exibiam fragmentos de palavras. IMPR, lia-se em uma delas, e em outra VIDENTE, e ela riu sozinha, se dando conta de que buscava presságios em todos os cantos; a palavra é IMPROVIDENTE, Eleanor, motoristas improvidentes, e ela desacelerou o carro porque estava dirigindo rápido demais e assim talvez chegasse muito cedo à Casa da Colina.

Em certo ponto, estacionou à beira da estrada para observar com incredulidade e admiração. À margem da pista, ao longo de talvez quatrocentos metros, ela passava e se maravilhava com uma fileira de oleandros esplendidamente bem cuidados, cheios de botões rosa e brancos em

uma linha regular. Agora chegava ao portão que eles protegiam, e do outro lado as árvores continuavam. A passagem nada mais era do que um par de pilastras de pedras arruinadas, e a pista ladeada por elas dava em um campo vazio. Ela via que as flores se desviavam da estrada e subiam as laterais de uma enorme praça, e enxergava até o lado oposto, que era uma fileira de oleandros que pareciam margear um riacho. Dentro do quadrado formado pelas árvores não havia nada, nenhuma casa, nenhum edifício, nada além da pista reta que seguia em frente e terminava no rio. Pois bem, o que havia aqui, ela se perguntou, o que havia aqui e não há mais, ou o que estaria aqui e nunca existiu? Seria uma casa ou um jardim ou um pomar? Tinham fugido para sempre ou voltariam? Oleandros são venenosos, ela se lembrou; estariam aqui para guardar algo? Será que, ela pensou, vou sair do meu carro e passar entre os portões e depois, quando estiver na praça mágica das árvores, vou descobrir que entrei no reino das fadas, venenosamente protegido do olhar das pessoas que passam? Depois de ter pisado entre os portões mágicos, terei ultrapassado uma barreira protetora, o feitiço quebrado? Entrarei em um belo jardim, com fontes e bancos baixos e rosas em pérgulas, e descobrirei um caminho — adornado com joias, talvez, com rubis e esmeraldas, macio o bastante para a filha do rei pisar com seus pezinhos em sandálias — e ele me levará direto ao palácio que existe sob o feitiço. Subirei degraus baixos de pedra, passando ao lado dos leões de pedra em vigília e adentrarei um pátio em que a fonte jorra e a rainha espera, chorando, que a princesa retorne. Ela largará seu bordado ao me ver, e ordenará aos berros que os criados do palácio — enfim agitados após o longo sono — preparem um grande banquete, pois o encanto se quebrou e o palácio voltou a ser como antes. E viveremos felizes para sempre.

Não, é claro, ela pensou, tornando a ligar o carro, depois que o palácio fica visível e o feitiço é quebrado, o feitiço *todo* será quebrado e a paisagem fora do quadrado formado pelas árvores voltará a sua devida forma, se dissipando, cidades e placas e vacas, em uma imagem verde-clara de conto de fadas. Então, um príncipe descerá as colinas cavalgando, iluminado em verde e prata com uma centena de arqueiros o seguindo, galhardetes se mexendo, cavalos avançando, joias reluzindo...

Ela riu e se virou para dar um sorriso de despedida para os oleandros mágicos. Outro dia, ela lhes disse, outro dia eu volto e quebro seu feitiço.

Parou para almoçar depois de dirigir cento e sessenta e dois quilômetros. Achou um restaurante de interior que se anunciava como um antigo moinho e se viu sentada, por incrível que parecesse, em uma varanda com vista para um riacho agitado, olhando as rochas molhadas e o brilho inebriante da água

em movimento, com uma tigela de vidro lapidado cheia de queijo cottage na mesa à sua frente e palitinhos de milho em um guardanapo. Como era um tempo e uma terra em que encantos eram criados e quebrados rapidamente, ela queria almoçar devagar, ciente de que a Casa da Colina sempre a aguardaria no final do dia. As únicas outras pessoas no salão eram uma família, a mãe e o pai com um menino e uma menina, que conversavam em tom suave e delicado, e uma vez a menina se virou e fitou Eleanor com sincera curiosidade e, passado um minuto, sorriu para ela. As luzes do riacho lá embaixo tocavam no teto e nas mesas lustradas e refletiam nos cachos da menina, e a mãe disse: “Ela quer o copo de estrelas”.

Eleanor ergueu os olhos, surpresa; a menina se recostava na cadeira, amuada ao recusar seu leite, enquanto o pai franzia a testa e o irmão ria e a mãe dizia com serenidade: “Ela quer o copo de estrelas”.

É isso mesmo, pensou Eleanor; é isso o que eu também quero; um copo de estrelas, é claro.

“O copinho dela”, a mãe explicava, se desculpando com um sorriso para a garçonete, atônita com a ideia de que o ótimo leite da zona rural servido no moinho não fosse saboroso o bastante para a menina, “tem estrelas na parte de baixo, ela sempre usa para tomar o leite em casa. Ela chama de copo de estrelas porque vê as estrelas enquanto toma o leite”. A garçonete assentiu, cética, e a mãe disse à menina: “Você vai tomar seu leite no copo de estrelas esta noite, quando a gente chegar em casa. Mas por enquanto, só para ser boazinha, você toma seu leite neste copo?”.

Não aceita, Eleanor disse à menina; insista no copo de estrelas; depois que eles armam para te tornar igual a todo mundo, você nunca mais vai ver seu copo de estrelas; não aceita; e a menina a encarou e lançou um sorrisinho sutil, com covinhas, de total compreensão, e teimou em fazer que não diante do copo. Menina valente, pensou Eleanor; menina sábia, valente.

“Você está mimando ela”, o pai reclamou. “Não dá para permitir essas manhas.”

“Só desta vez”, disse a mãe. Ela pôs o copo de leite na mesa e tocou na mão da menina com delicadeza. “Come o seu sorvete”, ela pediu.

Quando foram embora, a menina deu tchau para Eleanor, e Eleanor retribuiu o aceno, ficando numa solidão alegre para terminar o café enquanto o vistoso riacho corria sob ela. Meu destino não fica muito longe, pensou Eleanor; já passei da metade do caminho. O fim da jornada, ela refletiu, e lá no fundo da mente, cintilando como um riachinho, a ponta solta de uma canção dançava em sua cabeça, trazendo de longe uma palavra ou algo assim. “Não se ganha grande coisa com a demora”, pensou, “não se ganha grande

coisa com a demora.”

Quase parou para sempre pouco antes de Ashton, pois se deparou com uma cabaninha isolada em um jardim. Eu poderia viver ali completamente sozinha, pensou, desacelerando o carro para olhar a trilha serpenteada do jardim que ia até a portinha azul da frente com um gato branco perfeitamente parado no degrau. Ninguém me acharia aqui também, atrás de todas essas rosas, e só para garantir eu plantaria oleandros à beira da estrada. Vou acender uma fogueira nas noites de frio e tostar maçãs na minha lareira. Vou criar gatos brancos e costurar cortinas brancas para as janelas e de vez em quando sair porta afora para ir ao mercado comprar canela e chá e linha de costura. As pessoas vão me procurar para eu prever o futuro delas, e vou preparar poções de amor para solteironas tristes; terei um tordo... Mas a cabaninha já tinha ficado lá atrás, e era hora de ela procurar sua nova estrada, tão bem mapeada pelo dr. Montague.

“Vire à esquerda, pegando a Rota 5 rumo ao oeste”, instruía a carta dele, e assim foi feito, com a mesma eficiência e rapidez que teria caso ele a estivesse conduzindo de algum lugar distante, movimentando o carro com a mão no volante; estava na Rota 5 a caminho do oeste, e sua jornada estava quase terminada. Apesar do que ele falou, no entanto, ela pensou, vou parar um instantinho em Hillsdale, só para tomar um café, porque seria insuportável minha longa viagem terminar tão rápido. Não era de fato uma desobediência, em todo caso; a carta dizia que não era recomendável parar em Hillsdale para pedir informações, não que era proibido parar e tomar café, e talvez se não mencionava a Casa da Colina eu não esteja fazendo nada errado. De qualquer modo, ela pensou sombriamente, é a minha última chance.

Quando se deu conta, já estava em Hillsdale, uma bagunça confusa, desordenada de casas sujas e ruas tortas. Era pequena: depois de achar a rua principal, já dava para ver a esquina no final, com o posto de gasolina e a igreja. Parecia haver apenas um lugar onde parar e tomar um café, e tratava-se de uma lanchonete feiosa, mas Eleanor estava decidida a parar em Hillsdale e por isso guiou o carro até o meio-fio em frente à lanchonete e desceu. Depois de pensar um minuto, com um aceno silencioso para Hillsdale, ela trancou o carro, preocupada com a mala no chão e a caixa de papelão no banco traseiro. Não vou ficar muito tempo em Hillsdale, refletiu, olhando para um lado e para o outro da rua, que conseguia, mesmo à luz do sol, ser escura e feia. Um cachorro dormia inquieto em uma sombra contra a parede, uma mulher estava parada à porta do outro lado da rua e observava Eleanor, e dois meninos estavam apoiados contra uma cerca, num silêncio cuidadoso. Eleanor, que tinha medo de cachorros desconhecidos e mulheres zombeteiras

e jovens valentões, entrou logo na lanchonete, segurando firme a bolsa e as chaves do carro. Lá dentro, encontrou uma menina sem queixo e cansada atrás do balcão e um sujeito sentado na ponta, comendo. Por um instante pensou na fome que ele devia estar sentindo, para sequer entrar ali, ao ver o balcão cinza e a tigela de vidro suja ao lado do prato de rosquinhas. “Café”, ela pediu à menina atrás do balcão, e a garota se virou, exausta, e pegou uma xícara das pilhas na prateleira; vou ter de tomar esse café porque eu disse que tomaria, Eleanor disse a si mesma com severidade, mas da próxima vez vou dar ouvidos ao dr. Montague.

Existia algum tipo de piada elaborada entre o homem que comia e a garota atrás do balcão; quando ela serviu o café de Eleanor, lançou uma olhadela e um meio sorriso para ele, e ele deu de ombros e a garota riu. Eleanor levantou o rosto, mas a menina examinava as unhas e o sujeito limpava o prato com o pão. Talvez o café de Eleanor estivesse envenenado; sem dúvida parecia estar. Decidida a sondar até as profundezas o vilarejo de Hillsdale, Eleanor disse à garota: “Vou querer uma dessas rosquinhas, por favor”, e a menina, olhando o homem de soslaio, empurrou uma das rosquinhas para um prato e o pôs diante de Eleanor e riu quando seu olhar cruzou com o do sujeito.

“Esta cidadezinha é uma graça”, Eleanor disse à garota. “Como ela se chama?”

A menina a encarou; talvez ninguém jamais tivesse tido a audácia de chamar Hillsdale de uma graça de cidadezinha; passado um instante, a menina olhou de novo para o sujeito, como se pedisse confirmação, e respondeu: “Hillsdale”.

“Faz muito tempo que você mora aqui?”, Eleanor indagou. Não vou mencionar a Casa da Colina, ela garantiu ao dr. Montague lá longe, só quero matar um pouco de tempo.

“É”, disse a garota.

“Deve ser agradável, morar numa cidade pequena que nem esta. Eu venho da cidade grande.”

“É?”

“Você gosta daqui?”

“É bom”, disse a menina. Voltou a olhar para o homem, que ouvia com atenção. “Sem muito pra fazer.”

“Qual é o tamanho dela?”

“É bem pequena. Quer mais café?” A pergunta foi dirigida ao homem, que batucava a xícara contra o pires, e Eleanor sorveu o primeiro gole do próprio café e se questionou como ele poderia querer mais.

“Vocês recebem muitos visitantes?”, ela perguntou depois que a garota

encheu a xícara de café e tornou a se encostar nas prateleiras. “Quer dizer, turistas?”

“Para quê?” Por um instante a garota lhe lançou um olhar que talvez fosse o mais vazio que Eleanor já tinha presenciado na vida. “Por que alguém viria *para cá*?” Ela olhou amuada para o sujeito e acrescentou: “Nem cinema tem”.

“Mas as colinas são lindas. Em geral, no caso de cidadezinhas fora de mão que nem esta, o pessoal da cidade vem para construir casas nas colinas. Em busca de privacidade.”

A garota deu uma breve risada. “*Para cá* ninguém vem.”

“Ou reformam casas antigas...”

“Privacidade”, a garota repetiu e riu outra vez.

“É que me surpreende”, Eleanor declarou, sentindo o olhar do sujeito.

“É”, a menina disse. “Se pelo menos montassem um cinema.”

“Pensei”, Eleanor disse com cautela, “em dar até uma volta. Casas antigas costumam ser baratas, sabe, e é divertido reformá-las.”

“Não por aqui”, a menina retrucou.

“Então”, Eleanor prosseguiu, “por aqui não tem casas antigas? Lá nas colinas?”

“Não.”

O homem se levantou, tirando trocados do bolso, e se pronunciou pela primeira vez. “As pessoas *saem* desta cidade”, ele afirmou. “Elas não *vêm* pra cá.”

Quando ele saiu e a porta se fechou, a garota virou os olhos ociosos para Eleanor, num ato quase ressentido, como se com sua conversa fiada Eleanor tivesse afugentado o sujeito. “Ele tem razão”, ela disse por fim. “Eles vão embora, os que têm sorte.”

“Por que *você* não foge?”, Eleanor lhe perguntou, e a menina deu de ombros.

“Minha situação ficaria melhor?”, ela rebateu. Pegou o dinheiro de Eleanor sem interesse e devolveu o troco. Então, com outro de seus olhares rápidos, ela fixou os pratos vazios na ponta do balcão e quase sorriu. “Ele vem aqui todos os dias”, declarou. Quando Eleanor retribuiu o sorriso e começou a falar, a menina lhe deu as costas e se ocupou das xícaras nas prateleiras, e Eleanor, sentindo-se rejeitada, se afastou do café com gratidão e recolheu as chaves do carro e a bolsa. “Adeus”, disse Eleanor, e a garota, ainda de costas, disse: “Boa sorte para você. Tomara que você encontre sua casa”.

5

A estrada que partia do posto de gasolina e da igreja era de fato paupérrima, bastante sulcada e pedregosa. O carrinho de Eleanor chacoalhava e pulava, relutando em seguir rumo àquelas colinas horrorosas, onde o dia parecia logo se aproximar do fim sob as árvores grossas, opressivas, de ambos os lados. Não parece haver muito movimento nessa estrada, Eleanor refletiu com ironia, girando rápido o volante a fim de evitar uma pedra especialmente malévola; dez quilômetros desse jeito não vão fazer nada bem ao carro; e pela primeira vez depois de horas pensou na irmã e riu. A esta altura sem dúvida já sabiam que tinha pegado o carro e partido, mas não saberiam para onde; deviam estar dizendo um ao outro em tom de incredulidade que jamais desconfiariam que Eleanor fizesse isso. Eu mesma jamais desconfiaria disso, ela pensou, ainda rindo; está tudo diferente, sou outra pessoa, bem longe de casa. “Não se ganha grande coisa com a demora... a alegria de hoje está na risada de agora...” E prendeu o fôlego quando o carro estalou contra uma pedra e balançou para trás com um arranhão agourento na parte de baixo, mas se recompôs destemidamente e retomou a subida obstinada. Os galhos das árvores roçavam o para-brisa e aos poucos ia escurecendo; a Casa da Colina gosta de entradas triunfais, ela pensou; será que o sol sequer brilha por aqui? Por fim, com um derradeiro esforço, o carro ultrapassou um emaranhado de folhas secas e raminhos espalhados na pista e se deparou com a clareira à porta da Casa da Colina.

Por que estou aqui?, ela pensou de imediato e em vão; por que estou aqui? O portão era alto e sinistro e maciço, bem acoplado ao muro de pedra que atravessava as árvores. Mesmo do carro ela via o cadeado e a corrente que dava voltas pelas barras. Depois do portão via apenas que a pista continuava, virava, com os dois lados sombreados pelas árvores imóveis, escuras.

Como o portão estava nitidamente trancado — trancado e retrancado e acorrentado e barricado; quem, se perguntou, quer entrar tanto assim? — ela não fez nenhuma tentativa de sair do carro, apertou a buzina e as árvores e o portão estremeceram e recuaram ligeiramente por conta do som. Passado um minuto tornou a buzinar e então viu um homem vindo em sua direção de dentro do portão; era tão sombrio e hostil quanto o cadeado, e antes de se aproximar do portão lhe lançou um olhar por entre as barras, zangado.

“O que *you* quer?” Sua voz era ríspida, cruel.

“Quero entrar, por favor. Por favor, abra o portão.”

“Quem está mandando?”

“Oras...”, ela gaguejou. “Preciso entrar”, ela disse por fim.

“Para quê?”

“Estão me esperando.” Será que estão?, de repente se questionou; é só até aqui que eu vou?

“Quem está?”

Sabia, é claro, que ele se deleitava em ir além de sua autoridade, como se depois de tomar a iniciativa de destrancar o portão fosse perder a pouca superioridade passageira que imaginava ter — e que superioridade tenho eu?, ela se perguntou; estou *do lado de fora* do portão, afinal. Já dava para perceber que perdendo a paciência, o que raramente lhe acontecia por ter muito medo de ser inútil, só o faria virar as costas, deixando-a ainda do lado de fora, ralhando em vão. Podia até prever a inocência dele caso mais tarde fosse censurado pela arrogância — o sorriso maliciosamente vago, os olhos arregalados, inexpressivos, a voz lamuriosa reclamando que *teria* deixado a moça entrar, *planejava* deixá-la entrar, mas como poderia ter certeza? Havia recebido ordens, não havia? E não tinha de fazer o que mandavam? Seria *ele* quem se meteria em apuros, não seria, se permitisse a entrada de alguém que não deveria entrar? Ela o imaginava dando de ombros e, ao visualizá-lo, riu, talvez a pior coisa que pudesse fazer.

Observando-a, ele se afastou do portão. “É melhor a senhora voltar depois”, ele declarou, e lhe virou as costas com um ar de triunfo virtuoso.

“Escuta”, ela o chamou, ainda tentando não parecer brava, “sou uma das convidadas do dr. Montague; ele está me esperando na casa — por favor, me ouça!”

Ele se virou e sorriu. “Impossível que ele esteja *esperando* a senhora”, ele disse, “já que é a única que *apareceu*, por enquanto.”

“Quer dizer que não tem ninguém na casa?”

“Não que *eu* saiba. Talvez minha esposa, arrumando tudo. Sendo assim, não é possível que estejam *esperando* a senhora, não é verdade?”

Ela se recostou no assento do carro e fechou os olhos. Casa da Colina, ela pensou, entrar aí é tão difícil quanto entrar no céu.

“Imagino que a senhora saiba o que está *pedindo*, vindo aqui? Imagino que tenham lhe avisado, lá na cidade? Já *ouviu* alguma coisa sobre este lugar?”

“Ouvi que fui convidada a vir aqui como hóspede do dr. Montague. Quando você abrir o portão, vou entrar.”

“Vou abrir; eu vou abrir. Só quero ter a certeza de que a senhora sabe o que lhe aguarda lá dentro. A senhora já esteve aqui? Quem sabe não é da família?” Ele a olhou neste momento, espiando por entre as barras, a expressão de escárnio era um obstáculo a mais após o cadeado e a corrente. “Não posso deixá-la entrar sem ter *certeza*, não é? Qual é mesmo o nome da senhora?”

Ela suspirou. “Eleanor Vance.”

“Então não é da família, eu imagino. Já ouviu alguma coisa sobre este lugar?”

Suponho que esta seja minha chance, ela pensou; estão me dando uma última chance. Posso dar meia-volta aqui e agora, diante desse portão, e ir embora daqui, e ninguém vai me criticar. Todo mundo tem o direito de fugir. Ela enfiou a cabeça pela janela do carro e disse com raiva: “Meu nome é Eleanor Vance. Estão me esperando na Casa da Colina. Abra logo esse portão”.

“Está bem, está *bem*.” Deliberadamente, fazendo toda uma demonstração desnecessária ao encaixar a chave e girá-la, ele abriu o cadeado e soltou a corrente e abriu o portão apenas o bastante para que o carro passasse. Eleanor conduziu o carro devagar, mas a presteza com que ele pulou para a margem da pista levou-a a pensar por um instante que ele percebera o ímpeto fugaz que passou por sua cabeça; ela riu e parou o carro, já que ele vinha em sua direção — sem perigo, pela lateral.

“A senhora não vai gostar”, ele afirmou. “Vai se lamentar por eu ter aberto o portão.”

“Faça o favor de sair do caminho”, ela disse. “Você já me fez perder muito tempo.”

“A senhora acha que eles conseguem arrumar outro para abrir esse portão? Acha que alguém mais ficaria aqui tanto tempo, senão eu e minha esposa? Acha que a gente não consegue que as coisas sejam exatamente como a gente quer, contanto que a gente fique aqui e arrume a casa e abra o portão porque todos vocês da cidade acham que sabem de tudo?”

“Por favor, se afaste do meu carro.” Ousou não admitir para si mesma que ele a assustara, por medo de que ele percebesse; sua proximidade, já que estava encostado na lateral do carro, era horrorosa e seu enorme ressentimento a intrigava; sem dúvida o fizera abrir o portão, mas será que ele considerava a casa e os jardins ali dentro propriedades suas? Um nome da carta do dr. Montague lhe veio à mente, e ela perguntou, curiosa: “Você é Dudley, o zelador?”

“Isso mesmo, sou Dudley, o zelador.” Ele a imitou. “Quem mais você acha que estaria por aqui?”

O honesto mordomo que está com a família há tempos, ela pensou, orgulhoso e leal e totalmente desagradável. “Você e sua esposa tomam conta da casa sozinhos?”

“Quem mais?” Era sua ostentação, sua maldição, seu refrão.

Ela se movimentou com inquietude, com medo de se afastar dele de forma